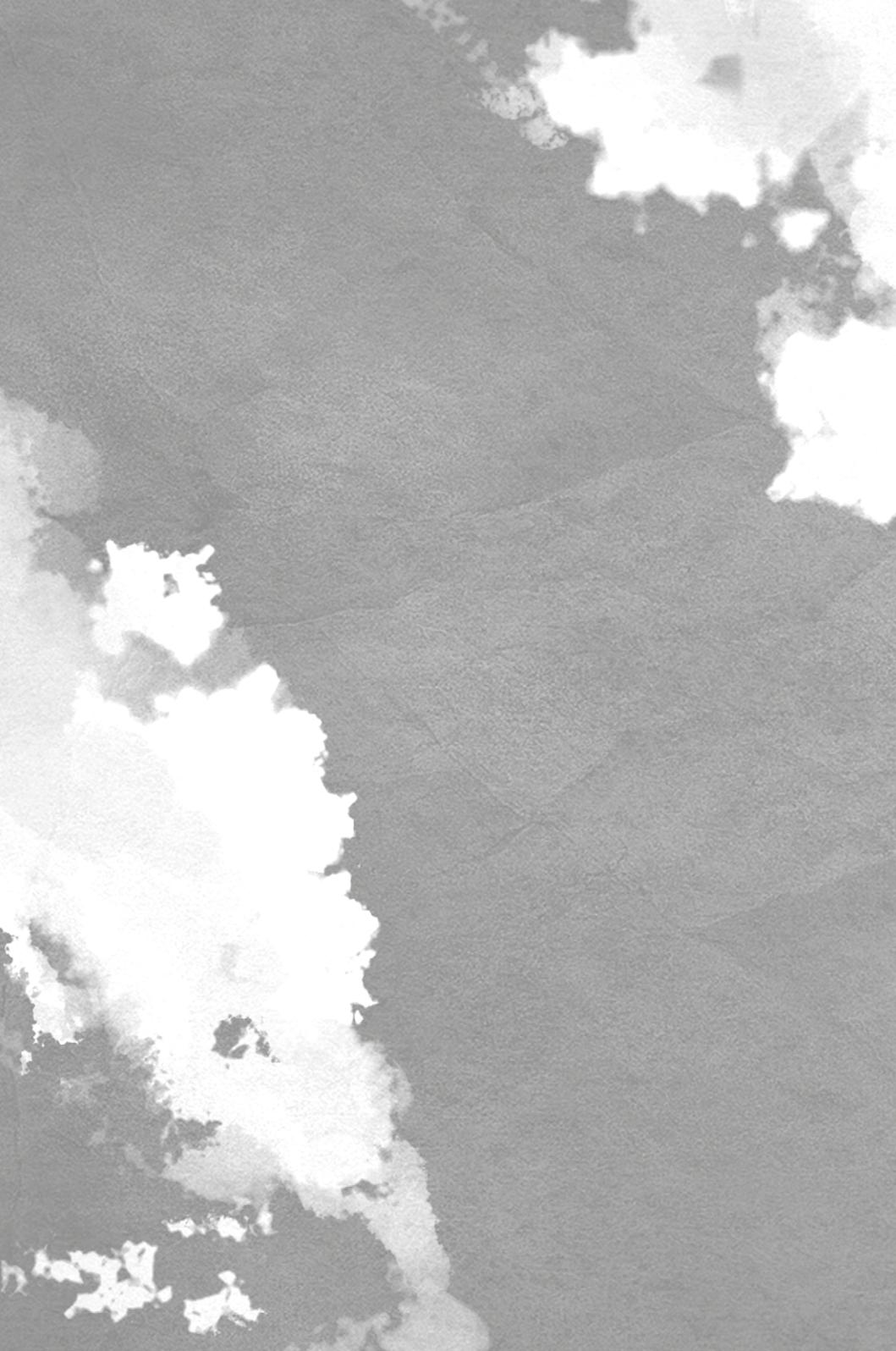


O NAVIO
FANTASMA



ALEX BITTEN

O NAVIO FANTASMA

 editora
coerência

Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2024

Copyright © Alex Bitten, 2003

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL

Lilian Vaccaro

REVISÃO

Bianca Gulim

PRODUÇÃO GRÁFICA

Giovanna Vaccaro

CAPA

Fábio Dantas

DIAGRAMAÇÃO

Michael Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bitten, Alex

O navio fantasma / Alex Bitten - 2ª edição - São Paulo:
Coerência, 2024

ISBN: 978-65-89850-91-5

CDD: 869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção brasileira 2. Aventura I. Título



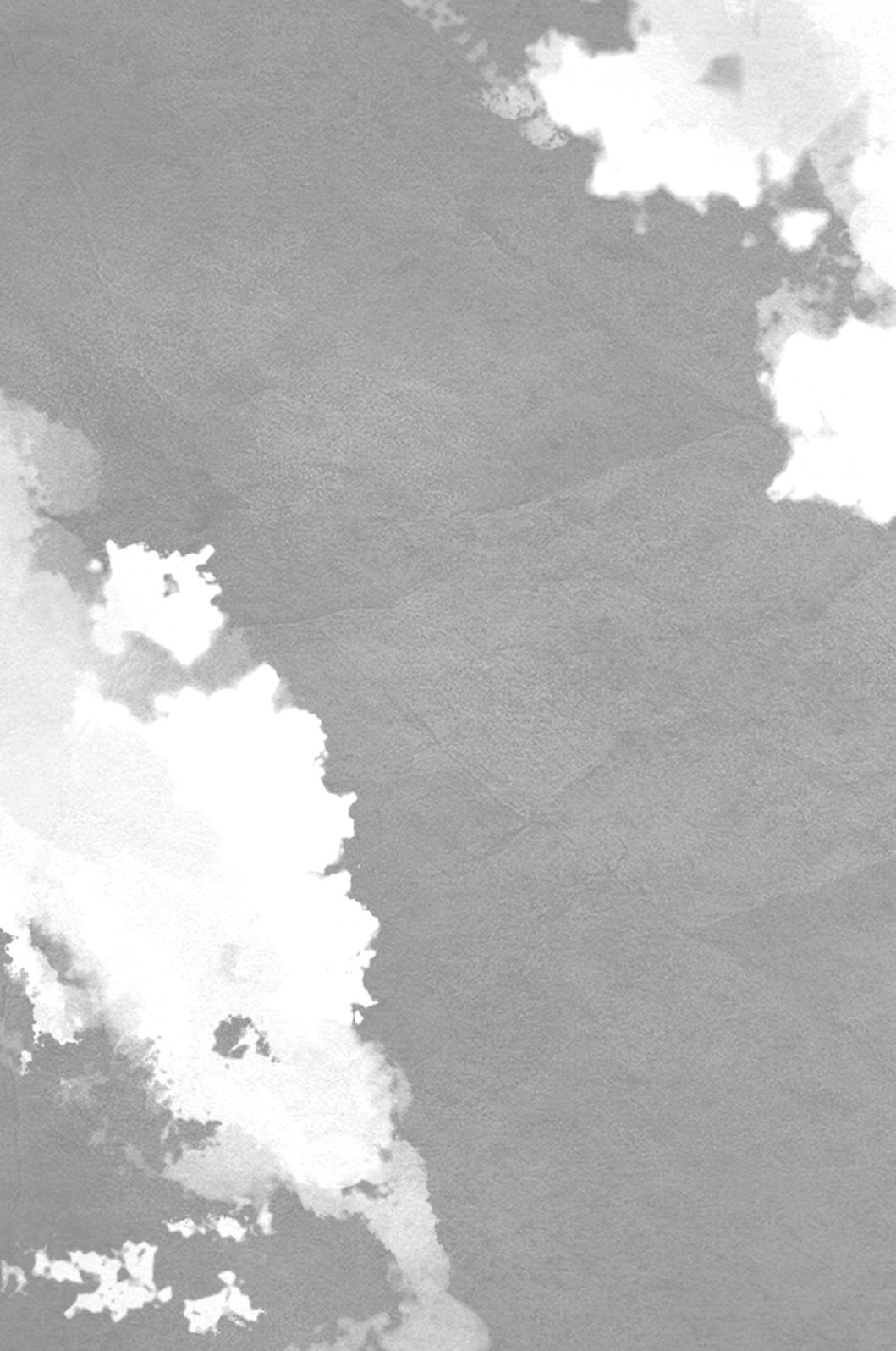
Centro Empresarial Jaguari | Avenida Marcelo Stefani 15

Módulo 60 | Bragança Paulista | SP | 12914-490

www.editoracoerencia.com.br

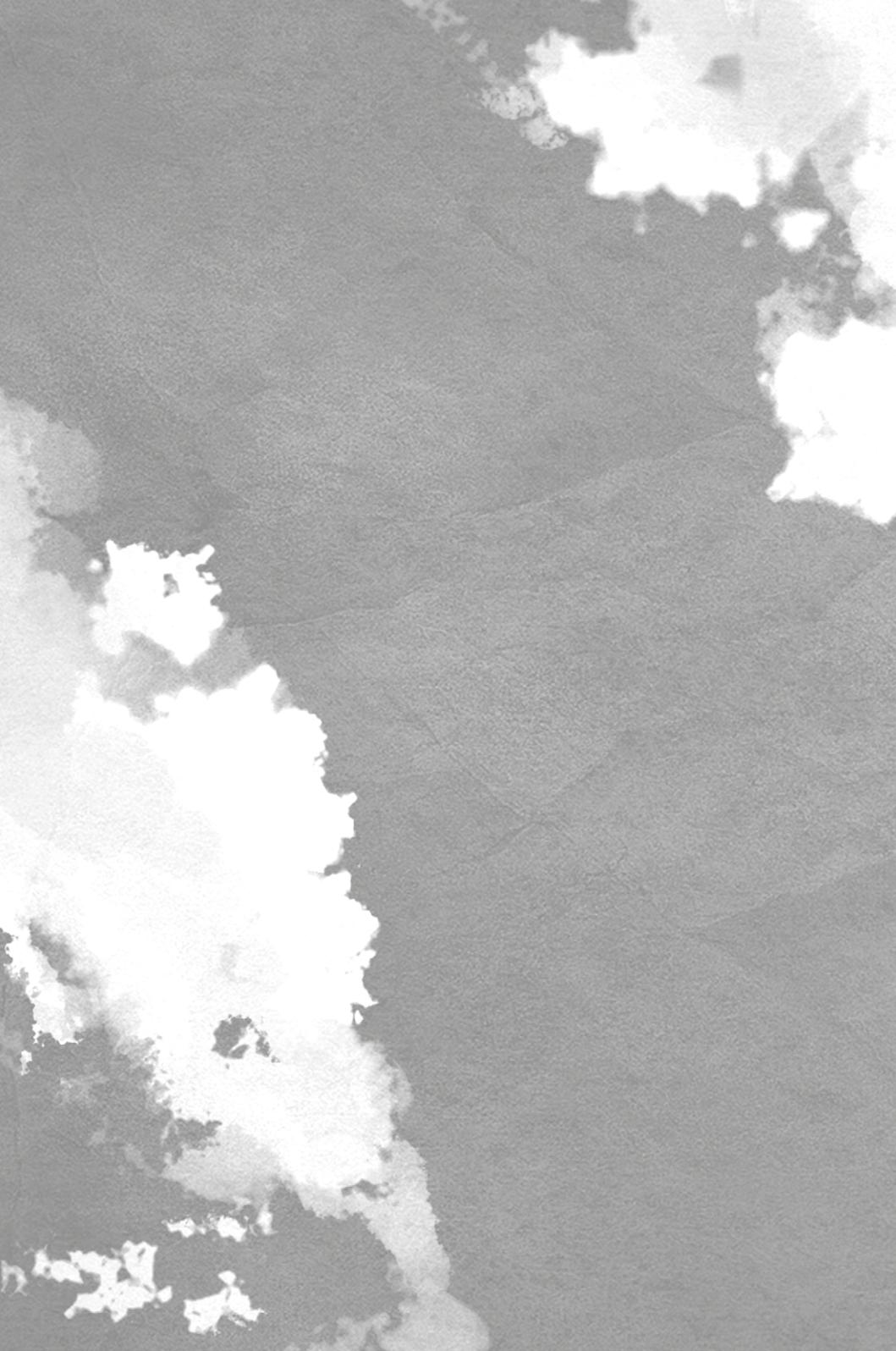
Tel.: (11) 9.8020-0810

Para meu filho Heitor.



Nem todas as histórias são contadas...

Nem todos os segredos sobre a vida
são revelados aos homens...



Prefácio

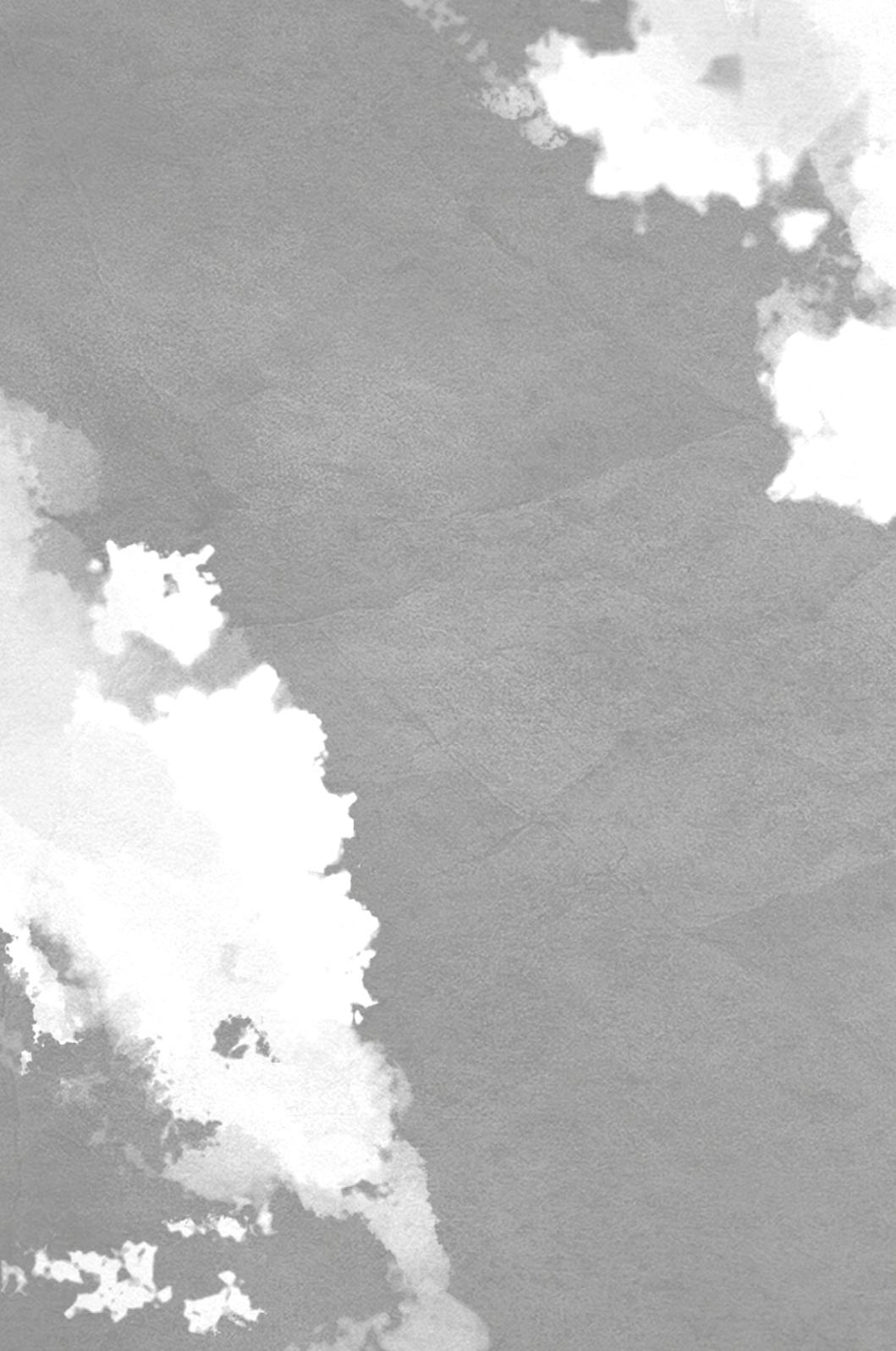
Por mais assombroso que possa parecer, os fatos descritos neste livro são reais e foram descobertos no diário de um médico europeu cuja nacionalidade jamais poderá ser revelada. Para publicar esta história, os nomes de lugares e seus protagonistas foram alterados e suas nacionalidades foram omitidas para evitar qualquer referência.

O diário revela um inexplicável mistério: as aparições de um navio de guerra, o poderoso *Vingador dos Mares*, projetado e construído para caçar piratas que infestavam as rotas de navegação comercial entre dois reinos, mas acabou caçado e afundado na maior operação naval já realizada na história.

Ninguém conseguiu explicar o trágico destino do capitão Átila e sua tripulação. Os velhos marinheiros discutiam nas tavernas e acreditavam que eles tinham feito um pacto com o demônio, mas não cumpriram o acordo. Por isso, foram condenados à perdição eterna.

A maldição começou anos depois de o navio ter sido afundado. O Vingador dos Mares foi avistado por marinheiros de diversas embarcações, cujos capitães registraram seus ataques e aparições em diários de bordo, que por motivos de segurança acabaram confiscados pela Marinha.

Até agora.



Prólogo

— Já faz nove anos.

O marinheiro colocou as mãos na amurada e olhou para tudo o que conseguia ver. Uma bruma densa do forte nevoeiro, como um lençol balançando num varal, às vezes lhe permitia ver o mar por algumas dezenas de metros.

O homem semicerrou os olhos e deixou o cheiro do oceano impregnar seus pulmões; sentiu a paixão que enfeitiçava os homens desde o início dos tempos. Os cabelos grisalhos já meio amarelados devido à forte exposição ao sol, os olhos azuis como o mar, o rosto bronzeado e castigado pelo tempo e as mãos rudes demonstravam o duro trabalho da embarcação.

As velas estavam recolhidas, e uma leve brisa empurrava o navio para a frente. O mar era um grande lago, sem nenhuma ondulação. Ouviam-se apenas os estalos e o rangido das amarras, que seguravam os três grandes mastros, prendendo-os no convés. Era um grande vaso de guerra, um dos maiores do reino. Possuía duas linhas de canhões, uma tripulação bastante treinada e um capitão com grande experiência.

— Foi o que aconteceu — disse para si mesmo.

O homem era um dos oficiais do navio, responsável pelo grupo de marinheiros que cuidava das velas e amarras. Observou os três

marinheiros que estavam na proa. Eles se movimentavam em silêncio, de cabeça baixa; pareciam evitar olhar para o nevoeiro, como se pressentissem algo ruim. A lua era um disco pálido sobre o mastro principal.

— Noite calma — disse um jovem oficial ao se aproximar.

— Sim. Calma até demais.

— Desde que entramos nestas águas e passamos pela Ilha da Morte, nos deparamos com este maldito nevoeiro e esta calmaria. Às vezes, parece que estamos navegando em círculos.

— Não, meu jovem, não estamos...

— Não?

Sem tirar os olhos do mar, o velho marinheiro limitou-se a responder:

— Estamos sendo atraídos por alguma coisa.

Naquele momento, um calafrio percorreu a espinha do jovem marinheiro, como se um vento gelado o atingisse nas costas. Em seguida, para quebrar o clima tenso, forçou uma leve gargalhada.

— Não diga isso, senhor Cuninghan. Não vai me dizer que acredita na história do Vingador dos Mares...!

O velho marinheiro encarou o jovem.

— E não é para isso que estamos aqui, para desvendar essa história?

— Não, meu caro amigo — disse o jovem ao colocar uma das mãos em seu ombro. — Estamos aqui para pegar os malditos piratas que estão atacando nossos navios. Foram eles que inventaram essa história absurda sobre o navio fantasma. Não tenho dúvida de que tudo não passa de uma invenção para ser contada nas tavernas em noites frias de inverno, regadas a uma boa cerveja. No fundo, são apenas piratas.

O velho esboçou um sorriso.

— Se fossem piratas, meu bom rapaz, por que matar todos os tripulantes? Esse tipo de atitude desviará os principais navios mercantes desta rota e trará navios militares como o nosso para caçá-los. Piratas podem ser cruéis, disse eu não tenho dúvidas, mas não são idiotas; eles jamais afastariam os navios mercantes. Não, meu caro... Posso apostar uma semana de boas noites no porto de Slaythom de que não são piratas.

— Senhor Cuninghan, não pode ser o Vingador dos Mares, ele foi afundado há nove anos, e vários marinheiros testemunharam o afundamento.

O oficial Cuninghan deixou seu olhar se perder na névoa.

— Isso é o que foi escrito nos relatórios oficiais.

— O que o senhor está dizendo?

— Senhor Adams, nenhum marinheiro jamais chegou a ver aquele navio amaldiçoado afundar.

— O que está dizendo?! Como pode afirmar algo assim? A não ser que... Meu Deus! É claro! O senhor estava lá?

— Os gritos daqueles homens condenados ecoam na minha cabeça até hoje. Era uma tripulação composta de lobos do mar, conduzindo a máquina de guerra mais poderosa que já cruzou os mares, e o seu capitão, o destemido capitão Átila, era o homem mais valente que já ocupou tal posto em todo o reino.

O jovem marinheiro estava atônito com a revelação e curioso em saber os detalhes da famosa batalha.

— O senhor esteve lá? Quero dizer: lutou contra o Vingador dos Mares?

— Sim, e mais quatro marinheiros que estão neste navio também lutaram. Ninguém gosta de comentar sobre o que aconteceu. — Fez uma pausa. — Senhor Adams, gostaria de saber o que aconteceu?

— Se o senhor puder revelar, eu gostaria muito.

— Nós o caçamos por vinte dias, numa busca sem trégua, mas encontrávamos apenas o rastro de destruição que deixava. Navios à deriva, repletos de cadáveres, com os corpos desmembrados. Uma violência jamais vista, nem mesmo durante a guerra. Nós o caçamos, senhor Adams, com os dez melhores navios de guerra do reino. Nós o caçamos como um animal selvagem enlouquecido e, finalmente, o encontramos. — O marinheiro ficou em silêncio, lembrando toda a carga dramática que aquela história lhe trazia. Então, apontou para a névoa que cercava o navio. — Nós o encontramos aqui, senhor Adams, neste lugar. Nós o cercamos, houve uma grande batalha que durou quatro horas. Enfrentamos um titã poderoso, que afundou quatro dos nossos navios. — O jovem olhava com ar assustado para o velho marinheiro, que refletia em seus olhos as chamas da batalha. — Perdi muitos amigos naquele dia.

— Eu jamais poderia imaginar que o senhor tinha participado da caçada ao Vingador dos Mares.

— Este navio em que estamos — seguiu a amurada com força —, Os Sete Mares, perdeu mais de trinta homens. Particpei de vários combates durante a guerra, senhor Adams, e nada se compara com a batalha contra O Vingador dos Mares.

— Por que o senhor nunca comentou que participou da caçada ao navio?

— Quando chegamos ao porto com a notícia de que tínhamos vencido, o almirantado expediu uma ordem para que os detalhes da batalha fossem mantidos em absoluto segredo, sob pena de enfrentar uma corte marcial. Isso não foi necessário, porque nenhum de nós queria falar sobre a batalha contra nossos próprios companheiros, irmãos de armas.

— E hoje?

— Hoje, senhor Adams? — O velho marinheiro sorriu, mostrando os poucos dentes amarelos que tinha na boca. — Nós evitamos conversar sobre o que achamos, e posso assegurar que acreditamos que o Vingador dos Mares voltou para nos buscar. Eles estão sedentos de sangue e querem vingança.

O jovem oficial ficou em silêncio. Como devia ser doloroso enfrentar irmãos de armas, homens que tinham lutado lado a lado durante a guerra, companheiros de vigia em noites frias ou em bebedeiras nas tabernas com o Pérola Negra. Agora ele compreendia o sofrimento do velho marinheiro.

— Se estava lá, como pode afirmar que ninguém o viu afundar?

— Essa é a parte sombria da história. O combate estava feroz, o barulho dos canhões... O cheiro de pólvora se misturava ao da fumaça das embarcações em chamas, que arde os olhos e nos faz chorar como crianças. O senhor nunca participou de um combate, e deve rezar para que jamais entre em um. Os gritos dos feridos, o cheiro do sangue e os corpos espalhados pelo convés são coisas que eu não gostaria mais de presenciar. Uma vez que um homem entra numa batalha e consegue sair vivo, ele nunca mais será o mesmo. Uma parte dele, senhor Adams, sua melhor parte morre diante da crueldade que se agarra em sua alma.

O jovem estava interessado no relato no velho marinheiro, e não em suas reflexões.

— O que aconteceu?

— Quando o Serpente afundou após uma salva mortal do Vingador dos Mares, muitos de nós acreditamos que seria impossível afundá-lo. A salva de canhões que disparava era precisa e mortal. O convés deste navio estava bastante avariado, com lascas de madeira, cordas e muito sangue espalhado por todo convés. O comandante da frota, o capitão Kurchov, que Deus o tenha,

não tinha medo do seu oponente e o atacou com força e fúria. E foi seu ato de coragem que fez com que nós o seguíssemos. Nós reagrupamos o que tinha sobrado da frota, conseguimos cercá-lo e atingi-lo com força. As baterias de canhões disparavam uma chuva de metal que varreu o convés do Vingador dos Mares. Foi naquele momento da batalha que a lenda surgiu.

— O que aconteceu?

— Estávamos para desferir o golpe final, no entanto surgiu uma grande tempestade, que ninguém sabe de onde veio, e que o afastou de nós. Ondas de mais de dez metros caíam sobre o convés, atirando alguns homens ao mar. Ninguém sabe ao certo como aquilo começou, mas alguém da tripulação disse que devíamos abandonar a perseguição, porque o capitão Átila tinha feito um pacto com o demônio, e que tinha invocado aquela tempestade para salvar o navio. — O jovem estava estarecido com aquelas revelações. — Naquele momento, nascia a lenda.

— Eu jamais imaginei que tudo tinha acontecido dessa forma.

— Foi assim que aconteceu, senhor Adams. O Vingador dos Mares estava bastante avariado, tinha o velame, as amarras e o convés bastante danificados, mas o capitão Átila comandava seu navio em meio à tempestade. Posso jurar sobre o túmulo do meu pai que cheguei a vê-lo agarrado ao timão, conduzindo seu navio durante o caos da tormenta. O que restou de nossa esquadra o perseguiu nas horas seguintes, como se estivesse nos levando para um lugar específico.

— E estava?

O marinheiro encarou o jovem nos olhos.

— Sim. De repente, a tempestade parou. O vento e o mar se acalmaram com uma rapidez que em toda a minha vida nunca tinha visto. A esquadra se reuniu para derrotar de uma vez por

todas o Vingador dos Mares. Quando conseguimos alcançá-lo, já estava anoitecendo. Foi então que um forte nevoeiro apareceu e o encobriu, fazendo-o desaparecer diante de nossos olhos. Nosso navio foi o primeiro a se aproximar do Vingador dos Mares, e, seguindo as ordens do capitão Kurchov, disparamos com toda a banda direita, estremecendo o convés sob nossos pés. As balas dos nossos canhões de dez, doze e dezoito polegadas atravessaram a neblina, e não atingiram nada. Nenhuma explosão, nenhuma madeira se partindo ou o grito de um homem ferido. Não ouvimos nada durante algum tempo, até chegarem aos meus ouvidos os gritos mais aterrorizantes de toda minha vida.

Seus olhos ficaram inertes, como se as imagens estivessem novamente em sua frente.

— O que aconteceu em seguida, mestre Cuninghan?

— O capitão deu ordens para cessar fogo. Tínhamos esperanças de levar os sobreviventes como prisioneiros. Ficamos ali aguardando, ouvindo os gritos dos homens dentro da neblina.

— O marinheiro baixou a cabeça. — Parecia que suas almas eram arrancadas de seus corpos. Ninguém se atreveu a lançar um bote na água e ir tentar ajudá-los. Ficamos paralisados de medo, ouvindo os gritos de horror.

— E o que aconteceu?

— Os gritos foram desaparecendo, e, quando amanheceu, a névoa se dissipou: não havia sinal do Vingador dos Mares. O navio tinha desaparecido por completo. Não encontramos nenhum pedaço de madeira que pudesse indicar que tivesse afundado, e o senhor sabe a quantidade de madeira, pedaços de vela, barris e até mesmo corpos que um navio deixa ao afundar.

— Sim, eu sei.

— Não encontramos nada, senhor Adams. Não encontramos nada... — Voltou a encarar o jovem marinheiro com um olhar de quem presenciara um mistério que estava além de sua compreensão. E então sentenciou: — O Vingador dos Mares desapareceu como se nunca tivesse existido.

— É uma história incrível, senhor Cuninghan.

— E é a mais pura verdade, posso jurar pela minha honra.

O jovem, que observava as feições do velho marinheiro, passou a olhar a névoa à frente do navio e, de repente, empalideceu. Seu olhar estava fixo no mar. Levantou a mão e apontou para a frente da proa.

— Meu Deus! Olhe!

O mestre Cuninghan virou-se na direção em que a mão apontava. A cerca de cem metros, de dentro do nevoeiro, surgiu outra névoa. Tinha uma cor esverdeada, brilhante, que a diferenciava da névoa cinzenta. Ia na direção do navio.

O olhar fixo dos dois homens passou para perplexidade no momento em que, da estranha névoa, surgiu uma proa. Era um grande navio, com um casco de cor escura. Estava bastante avariado, com pedaços de algas presos na proa e nas laterais do navio. Surgiram os mastros, imponentes, com as amarras arrebentadas, e o velame, ou o que restara, mostrava vários rasgos. Com a proximidade do navio, foi possível perceber uma espécie de musgo negro que cobria as amarras. Também não se via nenhuma luz acesa, e a estranha aparição não emitia nenhum som, como o do velame empurrado pelo vento, as madeiras rangendo ou as conversas da tripulação.

O navio não emitia nenhum som.

A névoa cobria o navio, dificultando qualquer tentativa de observá-lo melhor. O velho marinheiro reconheceu de imediato o estranho navio que se aproximava. Sentiu que poderia gritar,

dar um alerta para a tripulação, alertar a infantaria, mas a resignação tomou conta de sua mente, porque sabia que todos estavam perdidos, e a única coisa que conseguiu fazer foi baixar a cabeça e murmurar:

– Eles vieram se vingar. Meu Deus, faça com que eu tenha uma morte rápida.

Os navios chocaram-se. A névoa envolveu-os. Ouviram-se gritos de alerta dos sentinelas, despertando os oficiais, que passaram a dar ordens a seus comandados. Aquele era um navio de guerra, toda a tripulação era experiente e tinha experiência em combate. A maior parte era composta de veteranos da guerra que acontecera alguns anos antes; uma alcateia de lobos.

– Atenção, infantaria!

– Preparar para enfrentar abordagem!

Gritos e ordens sucediam-se. Pesados passos iam e vinham pelo convés. O roçar de cordas e de ganchos presos à lateral do navio deixou os homens alarmados, e em meio à névoa ouviu-se o som de tiros de pistolas e mosquetes.

De repente, mais nenhum som se ouviu, e um pesado silêncio caiu sobre as duas embarcações. Um urro quebrou o silêncio. Vários outros o acompanharam. Não eram sons emitidos pelos marinheiros do navio, e não lembravam em nada a voz humana. Em seguida, gritos desesperados dos marinheiros foram ouvidos por todo o navio.

– Perdoai por nossos pecados!

– Proteja minha alma!

As vozes eram de desespero, palavras impossíveis de se imaginar serem proferidas por homens experientes em combate. Podia-se distinguir, em meio aos sons de metal contra metal, o choque de espadas e alguns disparos de pistolas e fuzis. Estava

acontecendo uma forte luta no convés, mas a névoa não permitia ver contra quem eles estavam lutando.

Preces, frases de despedida e outras sem nenhum sentido eram levadas pela brisa.

Os gritos do combate se prologaram por vários minutos, e junto com eles sobressaíam-se urros e gargalhadas sobrenaturais. O tinir de espadas se chocando era intenso, o que indicava que o combate ganhara novas proporções. Também aumentou o número de vozes pedindo socorro e clemência. O que quer que estivesse atacando aqueles homens, era algo terrível e mortal, e os mais corajosos tinham perdido sua coragem diante do ataque sobrenatural.

O som de corpos caindo na água, para serem devorados pelos tubarões que infestavam aquela região, só aumentava o horror daqueles momentos, que pareciam intermináveis.

Os gritos de desespero foram diminuindo até cessarem completamente. Apenas o barulho de golpes de espadas continuou por longo tempo, bem como os gritos e uivos ensandecidos. A névoa esverdeada colocou-se em movimento e afastou-se do navio, e enfim Os Sete Mares pôde ser visto.

Nada se movia no convés. Os ranger do casco e da madeira retornou, como se naqueles momentos terríveis o navio tivesse ficado congelado. Ele começou a se mover, e o leme ensanguentado girava sem direção.

A brisa que levava o navio carregava uma notícia trágica: mais um ataque brutal a um navio que não tinha deixado nenhum sobrevivente. Uma prova incontestável de que algo inacreditável estava acontecendo naquelas águas.

E de que alguma coisa precisava ser feita.

A lenda do Vingador dos Mares

Tudo começou no ano de 1769. Fazia cinco anos que a guerra tinha terminado. Uma guerra longa, com duração de dez anos, que trouxera milhares de mortes e tempos difíceis para todos os envolvidos no conflito. Uma guerra causada pelo bloqueio imposto ao nosso reino, impedindo-o de navegar nas principais rotas comerciais e, assim, conseguir realizar o comércio de forma independente.

A guerra fora trágica, tanto para nós quanto para nossos inimigos. No final, fomos vencedores e conseguimos um delicado tratado de paz para realizar o comércio e firmar contratos com grandes companhias marítimas estrangeiras.

Muitos investimentos foram feitos para organizar a Marinha Mercante, o que impulsionara o desenvolvimento de inúmeras embarcações, grandes o bastante para atingir as rotas do Oriente e, também, as colônias do Novo Mundo. Com muito esforço, trabalho e dedicação, nos sete anos seguintes ao término da guerra, nossos navios asseguraram uma posição invejável no comércio internacional. O acréscimo de navios mercantes em nosso litoral trouxera uma praga comum para as rotas de navios mercantes: piratas.

Foi nesse período áureo que tudo começou.

As notícias chegaram tão rápido quanto um disparo de um canhão de grosso calibre. Um navio mercante cujo nome não me

recorde chegou ao porto de Slaythom trazendo a notícia de que fora atacado e pilhado por piratas. Duas semanas depois, outro ataque, e, nos dois meses seguintes, mais de dez outros navios mercantes do nosso reino foram atacados, trazendo prejuízo, morte e insegurança para as recentes empresas comerciais criadas para gerenciar o comércio.

O conselho real foi reunido às pressas, todos estavam muito preocupados com a segurança das novas rotas comerciais, que agora eram imprescindíveis para o abastecimento do reino. Foi expedida uma ordem para a construção de um novo tipo de embarcação. As diretrizes indicavam um enorme navio de guerra, projetado para ser imbatível. Se a construção desse poderoso navio fosse bem-sucedida, uma pequena frota dessas embarcações seria construída para varrer os piratas para o fundo do mar e restabelecer a segurança das rotas comerciais.

O grande desafio era: como iríamos construir uma embarcação com essas qualidades?

Os capitães veteranos da guerra foram convocados, assim como os grandes mestres e engenheiros navais. Suas experiências e conhecimentos foram utilizados. Não tenho detalhes, porque nunca cheguei a ver o navio, mas sei que foram realizados vários aperfeiçoamentos, desde o formato do casco, mastreação, vela e quantidades de canhões. Um estaleiro foi preparado, os melhores mestres foram recrutados para elaborar o projeto do casco, madeira foi trazida das florestas orientais dos reinos, tratada e cortada com a tecnologia mais avançada de nossa época. Os canhões, um grande problema para as embarcações devido ao seu peso, foram desenvolvidos com uma liga especial de metal, reduzindo seu peso em um terço sem alterar sua resistência e

precisão. O velame foi feito pelas mais hábeis “mãos do mar”, a Escola Nacional de Navegação, localizada na capital do reino, em conjunto com tecelões chineses, trazidos para esse fim.

Muitos outros detalhes que eu desconheço também foram adicionados ao projeto para criar a arma mais mortífera já lançada ao mar.

Dois anos de muito trabalho, e o resultado pôde ser comprovado: um navio de guerra que superava qualquer outro existente no mundo. Esse primeiro e único navio foi chamado de Vingador dos Mares, um colosso flutuante, veloz e com enorme poder de fogo.

No dia 16 de fevereiro de 1771, o Vingador dos Mares foi batizado e lançado ao mar. Para comandar essa arma mortal, fora designado um dos melhores e mais experientes capitães do reino, herói da grande guerra: o capitão Átila, conhecido e respeitado na maioria das Marinhas do mundo. Havia ingressado na carreira militar muito cedo, participado de três guerras. Sua capacidade de liderança em momentos decisivos fora fator fundamental para muitas vitórias, que o transformaram em uma lenda viva. Era um homem ponderado, sábio e consciente de seus atos, mas também sabia ser enérgico quando necessário, e as ordens que havia recebido eram bastante específicas.

A tripulação do Vingador dos Mares era composta por veteranos de guerra, autênticos lobos do mar, e foram escolhidos a dedo pelo capitão Átila.

A ordem era clara: todo navio pirata encontrado devia ser afundado. Em caso de rendição, deveriam ser levados para a ilha-prisão no arquipélago de Islan. A fuga era impossível, pois uma forte correnteza, infestada de tubarões-tigres, circundava a ilha

e arrastaria qualquer fugitivo em direção ao alto-mar. Em caso de resistência, a ordem era que não deveria haver sobreviventes.

As demonstrações de seu poder de fogo logo foram realizadas. Um mês após ter sido lançado ao mar, o Vingador dos Mares atacou uma esquadra de quatro navios piratas. Três deles foram destruídos durante uma rápida batalha; o último tentou escapar e, mesmo menor e mais leve, não conseguiu fugir da fúria do Vingador dos Mares.

Em menos de um ano, mais de dezesseis navios piratas foram afundados, e os que restavam desapareceram de nossa costa. Com o fim da soberania pirata, foi restabelecida a segurança nas rotas comerciais, e os navios mercantes puderam outra vez navegar sem receio.

O capitão Átila e seus oficiais foram chamados à presença do rei e receberam uma condecoração por seus atos de bravura, e, durante a solenidade, sua majestade reiterou a importância da construção do navio e da missão que estavam realizando.

O navio partiu outra vez para continuar o patrulhamento das rotas comerciais, mas as ordens do rei não foram seguidas, e notícias preocupantes começaram a chegar aos portos. Quarenta dias após sua partida, navios trouxeram relatos de atrocidades cometidas pelo poderoso navio de guerra, de massacres cometidos pelos homens comandados pelo capitão Átila.

Ouviu-se relatos sobre navios piratas que se rendiam assim que avistavam o Vingador dos Mares e tinham sua tripulação massacrada pelos homens que deveriam prendê-los. No início, as informações foram consideradas grandes mentiras, pois todos conheciam a reputação do capitão Átila e de sua tripulação, e pensar em atitude semelhante não fazia sentido.

Até que o primeiro imediato, Thomas Clayton, conseguiu fugir do Vingador dos Mares. Tinha eliminado dois sentinelas durante uma madrugada, conseguira lançar um bote e fora resgatado por um navio mercante.

Segundo o depoimento do oficial, sem motivo aparente a morte passara a fazer parte da tripulação daquele navio. Presenciara várias atrocidades e relatou com riqueza de detalhes como tripulações inteiras tinham sido enforcadas, degoladas, queimadas ou mortas de formas atrozes. Era como se todos tivessem enlouquecido, tomados de uma fúria incontrolável que era saciada com ataques violentos aos navios que encontravam.

A tripulação era leal ao capitão Átila, e, para que algo dessa natureza fosse realizada, seria necessário que os oficiais, a infantaria e os demais grupos de marinheiros a bordo concordassem com tais atitudes. Segundo o oficial Clayton, era o que estava acontecendo. Por isso, resolvera fugir, antes que acabasse morto.

A história piorou após o ataque do Vingador dos Mares a um navio mercante, o Sophie, que estava carregado de especiarias. Em seguida, outros dois navios foram encontrados à deriva, muito próximo de nossa costa. Esses dois ataques também foram creditados ao poderoso navio, e outra vez um velho e grave problema surgia: a falta de segurança nas rotas comerciais.

O conselho real foi reunido, e fizeram o rei tomar a única decisão capaz de pôr fim aos ataques: o poderoso navio, criado com o objetivo de proteger nosso reino, deveria ser destruído.

Uma esquadra foi organizada. Oito navios de guerra com capitães experientes e com tripulação composta de veteranos de guerra foram preparados para a grande caçada. Os navios zarparam no dia 1º de maio de 1772. Como eu sei da data? Eu estava no

cais do porto, assim como dezenas de pessoas que foram assistir à partida da esquadra, e ficamos todos ali, parados, sem dizer uma única palavra, observando os navios se afastarem até desaparecerem por completo.

O Vingador dos Mares foi encontrado na noite tempestuosa de 25 de maio de 1772 no arquipélago de Luger, um local com características singulares por ter, no mínimo, uma centena de ilhas e recifes com correntes poderosas que circundavam as ilhas. Nossos oficiais acreditavam que o navio estivesse escondido nesse local e estavam certos. O lugar também era muito conhecido por constantes nevoeiros que surgiam e desapareciam sem que até hoje se saiba as suas causas.

A esquadra se preparou para o ataque, dividindo-se em dois grupos de quatro navios, que iniciaram uma manobra para cercá-lo e atacá-lo sobre dois flancos, mas, ao invés de fugir, ele rumou para o grupo de navios à sua direita e abriu fogo com toda sua artilharia.

Houve um intenso combate, quatro navios da esquadra real foram afundados, mas o navio comandado por Átila foi bastante avariado e tentou fugir na tempestade que irrompia e aumentava a cada instante. Castigado pela artilharia da frota que o perseguia, o Vingador dos Mares ficou bastante avariado. Os homens que retornariam daquele trágico duelo contariam que ondas violentas varriam seu convés, atirando os homens ao mar para um destino certo: as mandíbulas dos tubarões. E que era possível ver o capitão Átila no leme, dando ordens para que seus homens ficassem em seus postos.

A tempestade aumentou para proporções apocalípticas, mas a perseguição continuou em um mar com ondas de mais de quinze metros de altura. A tempestade começou a diminuir depois de dois

dias, e os navios, com a tripulação já em estado de exaustão, conseguiram se aproximar do Vingador dos Mares. Nesse momento, surgiu uma forte neblina no horizonte, e Os Sete Mares, o navio mais à frente da esquadra, disparou uma salva de canhões na última posição do navio, antes que ele fosse tragado pelo nevoeiro.

Várias explosões foram ouvidas e gritos ensandecidos ecoaram da espessa camada de neblina. Os capitães dos navios pararam o ataque, limitando-se a fazer um círculo para evitar sua fuga. Frases ameaçadoras podiam ser ouvidas em meio a risadas que pareciam delírios de loucura. Não se sabe quanto tempo se passou até os gritos cessarem por completo, mas foram momentos que ficariam gravados para sempre na memória daqueles homens.

No dia seguinte, o mar estava mais calmo, a neblina se dissipou, e, diante da esquadra, surgiu uma visão inesperada. Não havia nenhum sinal do navio. Apenas alguns pedaços de madeira e alguns barris foram encontrados. Não foi encontrado nenhum sobrevivente, bote salva-vidas ou mesmo um corpo boiando.

Nenhum marinheiro do Vingador dos Mares quisera se salvar.